

O PRAZER DA FUGA:

MEMÓRIAS DE LEITORES/AS NO MUSEU VIRTUAL DA LEITURA

Professor do Departamento
de Ciência da Informação
da Universidade Federal
Fluminense

Joaci Pereira Furtado

RESUMO

O Museu Virtual da Leitura é uma atividade de extensão surgida em 2016 como avaliação na disciplina “Indústria editorial do livro”, do Departamento de Ciência da Informação da UFF. Ela consiste em gravações, por alunos/as dessa disciplina, de depoimentos de pessoas que gostam de ler. Esses depoimentos, com entrevistados/as de variados perfis socioeconômicos, contemplam diversos aspectos das práticas de leitura que interessam a diferentes áreas do conhecimento, mas também qualquer pessoa que deseje saber por que os/as leitores/as gostam de ler. Mais que mera descrição, esse texto é um reflexão sobre essa iniciativa que, até 2021, havia gravado 149 vídeos, todos gratuitamente disponibilizados no canal Museu Virtual da Leitura, no Youtube.

Palavras-chave: leitura; literatura; letramento; memória.

ABSTRACT

The Virtual Museum of Reading is an extension activity that emerged in 2016 as an evaluation in the discipline "Book Publishing Industry", from the Department of Information Science of UFF. It consists of recordings, by students of this discipline, of testimonials from people who like to read. These statements, with interviewees of varied socioeconomic profiles, include several aspects of reading practices that interest different areas of knowledge, but also anyone who wants to know why readers like to read. More than a mere description, this text is a reflection on this initiative that, until 2021, had recorded 149 videos, all free of charge available on the Virtual Museum of Reading channel, on Youtube.

Keywords: reading; literature; literacy; memory.

COMEÇANDO PELO MEIO: Rafael

Perguntado se se considera um leitor, Rafael, surpreendentemente, responde que não. E emenda: “A partir do momento que eu tiver que colocar um foco na leitura, ela perde o prazer de uma fuga” (17:08). Com suas longas madeixas tingidas de lilás, que acaricia com frequência, os gestos profusos e um olhar aparentemente evasivo que às vezes encara o interlocutor com profundidade, Rafael está num dos 149 vídeos que, até fevereiro de 2022, integravam o Museu Virtual da Leitura – projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense ativo desde fevereiro de 2016. Dizer que não se vê como leitor é um paradoxo no relato de Rafael. Em seus quase vinte minutos de fala, gravada em maio de 2018 na praça de alimentação de um shopping no bairro carioca de Realengo, o que constatamos é exatamente o contrário: uma mente ativa, inquieta e curiosa, que desde a infância pautou-se por “questionar tudo, indiferentemente da hierarquia, idade [...]”, o que o levou a ler *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, ainda nos primeiros anos do ensino fundamental. E prossegue o jovem niteroiense: “Sempre segui, seja lá o que for, pela minha ideologia ou porque entendi, compreendi e concordei com o que foi dito” (RAFAEL, 2018, 1’15”).

Recuperar esses e outros tantos detalhes – que não são meros detalhes para quem souber lê-los – da fala de Rafael é uma das maravilhas propiciadas pelas novas tecnologias da comunicação. Com uma simples câmera de celular, Fabiano Brum Franco e Josué Santos de Medeiros, alunos da disciplina “Indústria editorial do livro”, oferecida pelo Departamento de Ciência da Informação da UFF, produziram documentação para a sociologia

e a história da leitura, por exemplo, ou então para a antropologia, a filosofia, a linguística, a editoração, a pedagogia, a psicologia, a biblioteconomia e demais ciências que possam encontrar matéria para suas reflexões nessa e nas outras falas preservadas pelo museu. Mas esse acervo não interessa apenas à ciência: qualquer pessoa que queira entender as razões que levam os/as leitores/as a ler certamente encontrará boas explicações nesses vídeos, todos disponibilizados e acessíveis no canal do Youtube que leva o nome do projeto: Museu Virtual da Leitura.

MEMÓRIAS DE LEITORES/AS: lembranças de uma paixão

A ideia nasceu no final de 2015, quando eu procurava alternativas aos métodos tradicionais de avaliação – como a “prova” escrita em sala de aula, os “trabalhos” e os “testes” – para a disciplina cujo título a prosódia estudantil simplificou como “Indústria”, obrigatória para a graduação em Biblioteconomia e Documentação e optativa para Arquivologia. Gravar depoimentos para o Museu Virtual da Leitura tornou-se a avaliação final dessa disciplina, atividade sempre realizada ao menos em dupla – com raríssimas exceções solitárias, ao longo desses seis anos – e avaliada por todos/as, de tal modo que o conjunto da classe, e não só o professor e a equipe de entrevistadores/as, possa conhecer o que todos/as fizeram.

Essa iniciativa é também uma forma de os/as estudantes saírem da abstração das leituras e aulas para perceberem no cotidiano, e na longa duração, a relação dos/das leitores/as com os produtos da indústria editorial do livro no Brasil. Quando digo “longa duração” refiro-me a aspectos das práticas de lei-

tura que não se sujeitam à volatilidade e ao imediatismo das modas ou às influências do marketing editorial – de resto, muito eficaz, como se depreende das narrativas sobretudo dos/as mais jovens.

Vendo e ouvindo esses depoimentos, podemos notar a presença atávica e quase exclusiva das mães – ou do feminino, em geral, representado por avós, tias, irmãs mais velhas, primas, madrinhas e professoras – na formação desses/as leitores/as. Geralmente são elas a não só ler para a criança antes de ela dormir, mas também as primeiras a lhe presentear com livros ou ao menos a lhe incentivar a leitura. E essa hegemonia feminina se explicita nas memórias tanto de depoentes idosos/as quanto nas de recém-saídos/as da adolescência, evidenciando que há décadas, se não há mais de um século, cabe à mulher a iniciação das crianças no letramento, confirmando o que escreve a antropóloga francesa Michèle Petit em *Os jovens e a leitura*: frequentemente as mulheres são, quase no mundo todo, as mediadoras daquilo que a autora chama de “desenvolvimento cultural”, isto é, elas “devolvem muito do que adquiriram sustentando sua família, ajudando as crianças, desenvolvendo trocas, vínculos sociais, fornecendo suas forças e seus conhecimentos à vida associativa” (PETIT, 2013, p. 183). Se não, vejamos o que Rafael tem a dizer a respeito: “Nas férias, quando ia pra casa da minha avó, ela lia uns textos bíblicos chatos pra caralho pra mim” (3:27). Pouco adiante, porém, entra em cena a personagem fádica da madrinha professora de sociologia, mais estimulante ao menos em termos de repertório:

Quem me incentivou muito foi minha madrinha, de longe. [...] Eu jogava muito *Vampire* [RPG], quando era novo. E o *Vampire* tinha muita citação de livro de sociologia. [...] Minha madrinha é professora de sociologia. E em algum momento a gente se pegou conversando sobre isso e, a partir disso, veio uma enxurrada de autores que ela já tinha lido e conversas sobre o ramo e isso me potencializou ainda mais o fervor pela sociologia, psicologia e coisas do ramo. E foi uma das pessoas que mais comprou livros pra mim, de longe. (RAFAEL, 2018, 15'55”)

O Museu Virtual da Leitura ratifica, por meio da documentação oral que recolhe, que ler é mais que mero consumo imediato e divertido de livros. A prática da leitura está envolta numa teia de sentidos¹ e afetos em que ler significa mais do que apenas se distrair, “matar o tempo”, como se diz, ou um modo de acumular conhecimento – este que às vezes é confundido com “informação”, por sua vez sintomaticamente compreendida como acúmulo maquinal de dados “objetivos”. Como diz Rafael, ler pode propiciar também “o prazer de uma fuga”. Não por acaso, uma palavra recorrente entre os/as depoentes é o verbo “viajar” ou o substantivo “viagem”, quando eles/elas tentam explicar por que gostam de ler – ou buscam descrever o deleite que a leitura lhes proporciona. “Nenhuma leitura é natural” ou unívoca, nos ensina João Adolfo Hansen. Daí essas tantas saídas para inúmeras viagens que se oferecem à consciência imaginante do/a leitor/a, ainda que este/a seja historicamente determinado/a: “o livro é uma obra acabada sempre inacabada porque sempre aberta às iniciativas de leitores de diversas mediações sociais, dotados de com-

1. Ou, nas palavras sempre certas de Michèle Petit, “A leitura não é uma atividade isolada: ela encontra – ou deixa de encontrar – o seu lugar em um conjunto de atividades dotadas de sentido” (PETIT, 2013, p. 104).

petências culturais diversas em diferentes situações sociais” (HANSEN, 2021, p. 12).

Claro que aí se trata preferencialmente da leitura recreativa, essa que se faz de modo espontâneo, sem os constrangimentos das tarefas escolares – ainda que a leitura imposta pela escola não interdite a delícia de fugir. Fugir do quê? Da obrigação de viver, talvez: “A vida é um entrave permanente à leitura. [...] O tempo para ler é sempre um tempo roubado. (Tanto como o tempo para escrever, aliás, ou o tempo para amar.)” (PENNAC, 1998, p. 118). Viajar sem sair do lugar, deslocar-se, mover-se, ir-se, de algum modo, da mesmice embotada do cotidiano ou apenas refugiar-se em outro mundo que não nos peça mais que um pouco de imaginação e um bom texto que a estimule. De fato, se não encoraja essa fuga – aliás, está aí um assunto espinhoso para ela, sempre lidando com toda sorte de evasão –, a escola não pode impedi-la. Afinal, lembra a mesma Michèle Petit, “os efeitos da escola sobre o gosto pela leitura são complexos” – embora ela reconheça que, “Em todas as gerações, as leituras impostas – principalmente as de autores clássicos – causaram uma repulsa” (PETIT, 2013, p. 160). Essa “repulsa” ao “clássicos”, portanto, e o Museu Virtual da Leitura atesta isso, não é um fenômeno exclusivo dos “jovens de hoje”.

A complexidade a que se refere Petit não me permite, por uma questão de espaço, descrever como ela se manifesta em cada um/a desses/as recordadores/as. Para se ter uma noção de sua extensão, entretanto, basta mencionar Janaína, que na infância e adolescência encontrou acolhedor refúgio na leitura contra o duplo *bullying* que sofria. Moisés, que desde as primeiras letras lia em voz alta para si e para o pai cego. Matheus, o ultimanista de

Ciências Sociais estudioso de Pierre Bourdieu que não se vê como leitor porque não frequenta a literatura ficcional – e que expande o conceito de “leitor” para além do texto escrito: “aquele que observa a realidade” (e, nesse sentido, ele considera “a enorme maioria das pessoas também leitora”) (MATHEUS, 2019, 17’30”). Marilene, que se tornou leitora por causa dos textos das contracapas dos livros que ela carregava para a irmã. Janini, que começou – e continua – com os gibis e que, no aniversário de seis anos, refugiou-se dentro do guarda-roupa com “uma bandejinha de brigadeiro do lado, uma lanterna e um livro” (JANINI, 2017, 3’00”). Mário, abrigado num albergue municipal em virtude do desemprego, que passa a maior parte do dia na Biblioteca Parque de Niterói e que sintomaticamente elege, entre as leituras que mais o marcaram, o romance *O porão*, de Shirley Donald, sobre uma mulher que, junto com o filho, sobrevive a um naufrágio. Wanderli, guardadora de autos, que ingressou no mundo da leitura pela *Turma da Mônica* e que, madura, descobriu o livro “afro”, para conhecer sua ascendência (WANDERLI, 2016, 4’05”) – e graças a ele, diz ela com bastante ênfase, “aprendi a dar mais valor à minha liberdade” (WANDERLI, 2016, 7:10). Ana Luiza, professora e contadora de histórias, filha de um mineiro idoso e analfabeto, afetuoso e lúdico, que narrava “causos” para as filhas – sobretudo histórias de assombração: quando se alfabetizaram, elas passaram a ler contos de fada para o pai. Nilzamara, cuidadora de idosos, segundo grau completo, que, quando criança, queria entender o que levava o pai a “ficar com aquele livro, o tempo inteiro lendo, e nem conversar muito” (NILZAMARA, 2016, 3’30”). Antônio, desempregado, morador de rua, pedreiro, alfabetizado aos cinco anos, que começou lendo fotonovelas, des-

cobriu os livros com *Confissões de um vira-lata*, de Orígenes Lessa, depois lia os que a irmã trazia emprestado da biblioteca da patroa e agora procura reler *Os miseráveis*, de Victor Hugo – acrescentando: “a maioria dos livros que eu lia, achava no lixo” (ANTÔNIO, 2019, 4’13”).

A recolha dessas lembranças pelos/as estudantes, porém, não se esgota na obrigação de cumprir uma tarefa para obter nota – ainda que seja forçoso admitir que haja alguns/algumas alunos/as que a encararam assim, muito em decorrência da lógica colegial que resiste na relação do estudantado universitário com o ensino superior, como se pode verificar na qualidade irregular das entrevistas (o que, de modo algum, invalida qualquer uma delas, pois como documento todas interessam, até por suas omissões e eventuais insuficiências). Colher memórias, todavia, não é tarefa simples. Pelo contrário, é bem mais complexa que redigir um trabalho ou fazer uma “prova” em classe, que frequentemente se esgota em si mesma. São narrativas atravessadas pelo consciente e pelo inconsciente – tanto individual quanto coletivo –, ecoando as contradições de um país cindido por abismos socioeconômicos e feridas ainda abertas legadas pela colonização monocultora e escravista.

LEMBRAR É TRABALHAR: o labor do passado

Narrativas não apenas contraditórias, dúbias ou híbridas, nem mais nem menos “verda-

deiras”, mas em parte ou em tudo indóceis à história oficial – esta que, sempre linear, estoca “fatos” numa sequência mítica que os administradores da vida presente resgatam para justificar esse viver contemporâneo de expectativas decrescentes² como determinação antes teológica, agora apenas lógica, já que há pouco Deus morreu (NIETZSCHE, 2008, p. 129).

Nem mais nem menos “verdadeiras”, como dito logo acima, essas narrativas podem dar “conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15), conferindo à verificabilidade dos “fatos” valor não mais que relativo, pois dos depoimentos se pode “colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo” (BOSI, 2003, p. 19). A essa elaboração do passado chamamos “memória”. Não por acaso, nos idiomas neolatinos, a raiz etimológica do verbo “elaborar” vem do latim *labor* – “trabalho”. O recordador, no “trabalho da memória”, como escreve Marilena Chaui no prefácio a *Memória e sociedade*, “vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique” (Marilena Chaui in BOSI, 1987, p. XXX). Ou, como prefere Ecléa Bosi, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1987, p. 17). Talvez não seja uma casualidade que a história oficial ensinada nas

2. “Pois esse campo que começou a ser minado conforme se acirrava a luta de classes a partir dos anos 70 para os 80 do século passado, desmanchando primeiro o consenso liberal-keynesiano que comandara a trégua do imediato pós-guerra para afinal revelar, paradoxalmente, aliás, com o fim da Guerra Fria, que o horizonte do mundo encolhera vertiginosamente e uma era triunfante de expectativas decrescentes principiara com uma Queda espetacular, a seu modo também uma queda – pois apesar de todos os pesares a linha do horizonte era bem alta – no tempo intemporal da urgência perpétua: este o Novo Tempo do Mundo” (ARANTES, 2014, p. 93-94, destaques no original).

escolas – ou quando meramente transmitida como sucessão de acontecimentos distribuídos ao longo do tempo, “unitária e teleológica, como se todos os eventos tivessem um fim” (BOSI, 2003, p. 14), um propósito, um destino – passe despercebida para a maioria dos alunos como aborrecido desfile de nomes, datas e episódios. É compreensível que essa história nada lhes diga – ou não os afete, já que “ser afetado é um modo relacional de ser” (SAFATLE, 2019, 0:35:16) –, por mais que lhes fale do passado de seu próprio país: da maneira como se lhes apresenta, ela é incapaz de transformar, pois os registros convencionais em que se fundamenta ou a forma como é narrada “suprimem as dissonâncias como impertinências, e os conflitos são apagados como digressões inúteis” (BOSI, 2003, p. 17). A memória, mais exatamente a memória oral, tal como entendida aqui, “obriga a uma transformação contínua de si a partir de um movimento que, ao mesmo tempo, é retroação e projeção. Aquele que rememora não permanece o mesmo” (SAFATLE, 2019, 1:32:00).

A UNIVERSIDADE ANDANDO: extensões da extensão

O Museu Virtual da Leitura é um projeto de extensão em vários sentidos – e não só no acadêmico. Ao propor aos/às estudantes que procurem alguém que gosta de ler, preferencialmente fora da família, e gravem uma entrevista com essa pessoa, o primeiro movimento extensionista é o de sair do meio estritamente universitário – ainda que haja um/a ou outro/a graduando/a ou pós-graduando/a depondo. É também um exercício de olhar, de observar, de exercitar o que hoje se chama, com tanta frequência, quase que como numa reivindicação, de “empatia” – indis-

pensável, de fato, para o sucesso de uma boa conversa. A diversidade de buscas, felizmente esperável em turmas também diversas em sua composição (embora majoritariamente femininas), reflete-se na variedade socioeconômica, etária e de escolaridade dos/as depoentes: há desde moradores de rua até integrantes da alta classe média, de jovens no final da adolescência a idosos/as, de pouco mais que alfabetizados/as a doutores/as.

O segundo e simultâneo movimento extensionista – e talvez o mais difícil – é justamente o de exercitar a conversa, entendida como sofisticada arte de sair de si mesmo, que já era objeto de especulação desde a Antiguidade clássica, tanto que foi tema do ensaio *Como ouvir*, de Plutarco, onde ele escreve:

Portanto, visto que a audição proporciona uma grande utilidade aos jovens e também não menor perigo, julgo ser bom dialogar frequentemente sobre o modo de ouvir tanto consigo mesmo como com outra pessoa. Pois vemos também que a grande maioria vale-se mal disso, e exercita o falar antes de se acostumar a ouvir. Julga, de fato, que há um aprendizado e um estudo e que é útil valer-se da audição de qualquer maneira. Certamente, para os que jogam bola, o aprendizado provém de lançá-la e tomá-la simultaneamente; contudo, no uso da palavra, o receber bem precede o lançamento, assim como o conceber e o conservar se antepõem ao nascimento duma boa semente. (PLUTARCO, 2003, p. 10)

Naturalmente, os/as alunos/as recebem orientação para essa conversa, por meio de conversas em sala de aula ou com as equipes e de um “manual” detalhando inclusive alguns cuidados técnicos, como a atenção à qualidade da captação do som e da imagem e aos critérios de seleção do/a entrevist-

tado/a, por exemplo. Recomenda-se que o/a depoente tenha ao menos 18 anos de idade, que ele/ela tenha lido ao menos um livro nos últimos trinta dias, que consiga lembrar das obras ou autores que mais o marcaram e que, de preferência, não pertença à família dos/das entrevistadores/as. Antes da pandemia, as entrevistas eram gravadas presencialmente, em lugar escolhido pelo/a depoente ou em comum acordo com a equipe. Com a pandemia, as conversas passaram a ser gravadas via plataformas ou programas com esse recurso, e sugere-se que elas durem entre 15 e 25 minutos – mas há desde um vídeo com 6’42” de duração, o menor, do norte-americano Bryan, até um com 41’53”, o maior, da referida Nilzamara. As gravações são enviadas ao docente responsável, que as armazena no Youtube, com acesso livre. Mas o mais importante dessas instruções distribuídas pelo professor de “Indústria editorial do livro” está no roteiro da entrevista, traduzido em quinze perguntas não obrigatórias, mas parcial ou integralmente presentes na maioria dos vídeos (o improvisado, porém, é estimulado, pois a partir das respostas pode-se chegar a novas questões): 1) Você poderia dizer onde e quando nasceu e qual a sua profissão? 2) Qual o primeiro livro que você se lembra de ter lido? 3) E por que não o esqueceu? 4) Quando criança, onde você costumava ou gostava de ler? 5) Alguém lia para você, quando criança? Se sim, quem lia e o quê? Onde? Como? Em que momento do dia? 6) Onde você obtinha os livros que lia? Emprestava-os da biblioteca? Comprava-os? Ganhava-os? Se os comprava, quem os adquiria para você? Onde e como eram feitas essas compras? 7) Você saberia dizer por que, na infância, gostava de ler? Havia outras crianças leitoras como você? 8) Que livros havia em sua casa e onde eles ficavam, quando

você era criança? 9) Quais e como eram suas leituras na adolescência? E na juventude? 10) Hoje, que tipo de livro você costuma ler? 11) Quantos, por mês? Você os adquire onde e como? 12) Onde e a que horas do dia você lê? 13) Das leituras dos últimos doze meses, qual(is) a(s) que mais o/a marcou(aram)? Por quê? 14) Por que você lê frequentemente? 15) Você se vê como leitor/a?. Esta última foi incorporada a partir da entrevista que a dupla Mariana Rodrigues Tavares e Regina de Carvalho Ribeiro fez com Nilzamara, em outubro de 2016.

Cabe abrir aqui um parágrafo para explicar a natureza desse roteiro, já que nenhuma pergunta é inocente, o que não quer dizer que seja culpada, mas índice de determinados interesses ou pontos de vista. No presente caso, trata-se de investigar, além do perfil socioeconômico, sobretudo a formação do/a leitor/a. Dito assim, parece muito abstrato. Na verdade, é mesmo. Por isso a preocupação com a materialidade da leitura, já que ela é uma prática. Portanto, trata-se de resgatar a materialidade da prática – isto é, como a leitura se efetiva em gestos, comportamentos, lugares, objetos, atitudes. Daí a insistência em saber em que espaços e em que horários ela se dá, assim como onde os livros são guardados e como são adquiridos. Outro dado que é particularmente relevante para a Biblioteconomia: a frequência à biblioteca, desde o ensino fundamental – quesito que o Museu Virtual da Leitura revela ser decepcionante, pois é dos mais ausentes, exceto raras e honrosas exceções, na memória dos/as leitores/as brasileiros/as de todas as idades. Em geral, a biblioteca escolar, quando ela havia principalmente nos primeiros anos de ensino fundamental do/a depoente, é lembrada como lugar de castigo ou de restrições

de toda ordem, a começar pela pobreza dos acervos, sempre menores que a curiosidade ou a necessidade do/a estudante.

Retornando aos dois primeiros passos extensionistas, entendidos como um antídoto ou ao menos um contraponto ao patológico exibicionismo narcísico do mundo contemporâneo³, as gravações para o Museu Virtual da Leitura são pedagógicas no sentido de exercitar a observação do outro, particularmente do/a potencial usuário/a de bibliotecas, que tanto interessa aos/às futuros/as profissionais da área. É aí que se dá um terceiro passo extensionista: a formação universitária deixa o perímetro do campus para se traduzir na tarefa de ouvir quem está fora dele, na certeza de que, nessas falas, há um saber extra-acadêmico e não-científico que vale a pena não só ser ouvido, mas também documentado. Porque, ouvindo esses depoimentos, é possível perceber a decantação de um saber prático, isto é, de um conhecimento que se dá no próprio fazer. É interessante mapear, por exemplo, as estratégias dos/as leitores/as para superar os obstáculos que as dificuldades financeiras impõem para adquirir os livros. Para ilustrá-las, recorro, mais uma vez, ao relato de Rafael:

Basicamente, eu tinha três formas de adquirir livros. Ou eu pegava emprestado com algum amigo, que indicava um livro que eu

julgava interessante, ou gibi, ou mangá. Ou eu ia comprar num sebo que tinha debaixo do Shopping São Luís. Ou, a terceira forma, era quando tinha a Bienal do Livro. Passava, tipo, um ano sem pedir nada e, quando chegava a Bienal do Livro, dava aquele prejuízo legal pra família. (RAFAEL, 2018, 4'00")

Essas e outras sutilezas oferecem-se à sensibilidade e à curiosidade dos/as estudantes que recolhem o depoimento. Percebê-las e explorá-las exige de quem ouve uma atenção qualificada, que não se restrinja ao cumprimento burocrático do roteiro de perguntas e que resista à tentação de emular os *talk shows* televisivos, em que o/a entrevistador/a disputa o protagonismo com o/a entrevistado/a. Bom, pelo menos esse é o propósito pedagógico dessa iniciativa.

O quarto, último e não menos importante passo extensionista é aquele que define sua natureza na estrutura institucional universitária. Isto é, dizendo de modo bem simples, a extensão é a universidade andando: ela sai de si mesma para interagir diretamente com seu entorno. No caso específico do Museu Virtual da Leitura, na pessoa e nos corpos de seus/suas alunos/as, a UFF adentra, fora dela, a intimidade de uma prática hoje definida por sua privacidade: o prazer de ler. Já passa de 150 (há umas poucas gravações com mais de um depoente) o número de pessoas que

3. Não há aqui nenhum exagero ou ranço moralista. Basta ler o que Paula Sibilia escreve em seu instigante *O show do eu: a intimidade como espetáculo*: "Por toda parte, então, os usuários, leitores ou espectadores são convocados a participar, compartilhar, opinar e se exibir de um modo considerado 'proativo'" (SIBILIA, 2016, p. 24). E, mais à frente: "Por um lado, há uma convocação informal e espontânea aos usuários ou consumidores para que compartilhem voluntariamente suas invenções; algo que, na maioria dos casos, consiste em performar suas personalidades e encenar suas vidas na visibilidade das telas interconectadas. Por outro lado, estão as formalidades do pagamento em dinheiro - ou em qualquer outra espécie com valor de troca - por parte das empresas mais sintonizadas com o atual clima de época" (SIBILIA, 2016, p. 31, destaque no original). Ou ainda: "Cultuado e cultivado sem cessar, o eu atual não demanda apenas atenção e cuidados; além disso, deve ser exposto da forma mais atraente possível para convocar sedentos olhares e conquistar todos os aplausos possíveis. Definitivamente longe, então, do narrador benjaminiano, também nos distanciamos daqueles insaciáveis leitores do século XIX e início do XX, que precisavam se resguardar zelosamente na intimidade de suas paredes e seus pudores para poder se autoconstruir" (SIBILIA, 2016, p. 103).

eternizaram suas lembranças e reflexões sobre algo que é, se não central, pelo menos bastante relevante em suas vidas. Um “algo” afetivamente importante, que excede a banalidade justamente porque a subverte como “fuga”. Um/a ou outro/a depoente chega a elogiar a iniciativa, mas não temos elementos suficientes para afirmar como a maioria a recebe. Porém, ao querer ouvir essas pessoas, a UFF indica que o que elas têm a dizer vale a pena ser ouvido. Mais que ouvido, registrado e exposto.

Coda

O Museu Virtual da Leitura é uma iniciativa modesta, com recursos muito limitados e visibilidade ainda tímida, embora irrestrita, que aguarda a curiosidade dos/as estudiosos/as e das demais pessoas interessadas em saber, afinal, porque esses/as entrevistados/as gostam de ler. Os/As beneficiários/as iniciais e imediatos/as dessa iniciativa extensionista, contudo, são os/as alunos/as de “Indústria editorial do livro” – em média, cerca de 25 por semestre letivo – e os/as depoentes que eles/elas entrevistam com seus eventuais familiares e amigos. Mas, como todo museu, esse acervo indefinidamente aberto a novas aquisições dialoga com o futuro, quiçá com a eternidade, essa mesma onde reina o imponderável. Uma vez postas onde estão, essas falas não pertencem a mais ninguém, restando franqueadas a infinitas e imprevisíveis reapropriações e ressignificações. Talvez aí resida a sua poesia.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO. Niterói; Alcimayra da Silva Caldas, Caroline Patueli Vargas, Lorrane Rosa dos Santos e Suelen Alves dos Santos, 2019. 1 vídeo (19 min.). Publicado pelo canal Museu Virtual da Leitura. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=hbJBzHcTrbg&t=261s>>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo, Boitempo, 2014.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo, TAQ/Edusp, 1987.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivido da memória**: ensaio de psicologia social. 2. ed. São Paulo, Ateliê, 2003.
- HANSEN, João Adolfo. “Nenhuma leitura é natural: o livro como signo.” **Ensaio Geral**, n. 1, p. 11-22, 28 jan. 2021. Disponível em < <https://periodicos.uff.br/ensaiogeral/article/view/48382>>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- JANINI. Niterói; Júlia Oliveira Castro e Nathalia Varella, 2017. 1 vídeo (39 min.). Publicado pelo canal Museu Virtual da Leitura. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6X5E36tpfn4&t=183s>>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- MATHEUS. [S. I.] Raphael Belchior Rodrigues e Carolina Olympia Soares, 2019. 1 vídeo (18 min.). Publicado pelo canal Museu Virtual da Leitura. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=GZmT80JhGHE>>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo, Escala, 2008.
- NILZAMARA. Niterói; Mariana Rodrigues Tavares e Regina de Carvalho Ribeiro, 2016. 1 vídeo (41 min.). Publicado pelo canal Museu Virtual da Leitura. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=NQ9nRb5Q6xl&t=213s>>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo, Editora 34, 2013.
- PLUTARCO. **Como ouvir**. Prefácio e notas Pierre Maréchaux. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- RAFAEL. Rio de Janeiro; Fabiano Brum Franco e Josué Santos de Medeiros, 2018. 1 vídeo (19 min.). Publicado pelo canal Museu Virtual da Leitura. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=eCRZSci9lZw&t=240s>>. Acesso em 11 fev. 2022.

SAFATLE, Vladimir. **Presente, pós-verdade e experiência do passado**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E9GWv_ymJeQ&t=2365s>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SIBILIA, Paula. "Eu privado e o declínio do homem público". In: _____. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016, p. 85-123.

WANDERLI. [S. l.] Danielle da Silva Ribeiro e Priscila Rocha Vicente, 2016. Publicado pelo canal Museu Virtual da Leitura. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=_2XmPCN4uCg&t=504s>. Acesso em: 11 fev. 2022.